Capítulo VIII — Resposta à segunda objeção

> **Sumário.** Testemunho dos homens.

O senhor não se dá por vencido e acrescenta:

> *Admitindo a mudança completa que acaba de assinalar, acho que atribui a uma simples forma uma influência exagerada. Ora, a Renascença não é, afinal, senão uma forma nova dada ao pensamento.*

Não discutirei com o senhor para saber se a Renascença foi uma simples forma ou algo mais. Parto deste fato, que não contesta: a Renascença foi a introdução do paganismo na educação. Ora, sustento que, se isso não é senão uma simples forma, a forma arrasta o fundo, e que de modo algum exagero a influência que lhe atribuo. Para apoiar a minha asserção, tenho duas espécies de testemunhas: os homens e os fatos.

Os homens. Ao acusar-me de exagerar a influência desastrosa do paganismo na educação, sabe o senhor a quem acusa? Acusa homens cuja autoridade é indiscutível; homens que a sua probidade põe acima de toda suspeita, que a sua superioridade torna respeitáveis a seus amigos como a seus inimigos, que a sua posição pôs, mais que ninguém, em condições de dar um testemunho irrecusável sobre fatos que observaram longamente, que tocaram com as suas mãos, que viram com os seus olhos, e dos quais muitos foram as vítimas. Nomeei os Padres da Igreja, os pais da Europa cristã, os guias mais esclarecidos das nações, os príncipes da virtude e do gênio.

Via acaso no paganismo clássico uma forma nova dada ao pensamento, um modo de instrução sem perigo para a infância cristã, Orígenes, que, falando dos escritores e sobretudo dos poetas profanos, não receia dizer que as suas obras, mesmo as mais célebres, são outras tantas taças de bordas douradas e cujo fundo está cheio de um veneno mortal?[1] Feliz ele mesmo se, sempre de sobreaviso contra as obras cujo perigo tão eloquentemente assinalava, tivesse sabido evitar o veneno dos filósofos pagãos com tanto cuidado como o dos poetas! Mas não; o grande Orígenes, enganado pela filosofia de Platão, deixou-se arrastar a uma multidão de erros que escandalizaram a Igreja e que deixam ainda a muitos dúvidas sobre a sua salvação eterna.

O seu companheiro de armas na luta em favor do cristianismo nascente, o imortal Tertuliano, teria considerado coisa inocente o estudo dos pagãos pela infância cristã, ele que chama com tanta verdade os filósofos pagãos de patriarcas dos hereges, corruptores da doutrina da Igreja?[2]

Santo Ireneu, o sábio apologista da religião, que selou com o seu sangue, é ainda mais formal. Conhece-se a famosa palavra pela qual, condenando toda a filosofia pagã na pessoa do seu representante mais acreditado, define Platão como o artífice de todas as heresias.[3]

Eis uma testemunha não menos irrecusável. Lactâncio, que estudara por muito tempo as belas-letras e que, melhor que ninguém, conhecia a secreta influência dos livros clássicos, afirma, como coisa sabida no seu tempo, que a fé não era em parte alguma mais fraca do que entre os homens entregues à literatura pagã.[4]

Confirmando o pensamento de Lactâncio, santo Ambrósio ergue-se com energia contra os que, para se entregarem ao estudo dos autores pagãos, negligenciam as santas Escrituras. *«Não é pequeno o perigo, diz ele, de deixar a palavra de Deus pela do século.»*[5] Se tal era esse perigo para homens na maturidade da idade, qual seria aos olhos desse grande doutor para crianças cuja alma terna e indefesa recebe todas as impressões com uma facilidade igual à fidelidade com que as conserva?

Citar-vos-ei são João Crisóstomo, que se exprime assim?

> *Não quero que se deem às crianças, por primeiras lições, as fábulas da mitologia... Começai por imprimir-lhes na alma os princípios da verdadeira sabedoria: jamais ganhareis tanto em ensinar-lhes as ciências profanas que os conduzirão à fortuna como em ensinar-lhes a ciência que lha fará desprezar.*[6]

Algumas famílias afastando-se dessas regras, felizmente respeitadas pela maioria, o santo doutor as adverte nestes termos:

> *A primeira idade, dizeis, é a da ignorância; sim, e não vedes que o que a torna mais profunda e mais perigosa é o costume que tendes de dar-lhe, como primeiros livros, as histórias desses heróis antigos que se lhe ensina a admirar, embora estivessem entregues a todas as suas paixões?... Colhemos o fruto de semelhante educação, que tende a povoar a sociedade de homens arrebatados, sem freio e sem costumes, habituados que estão a arrastar-se no lodo do vício.*[7]

São Basílio é ainda mais formal que são João Crisóstomo. Quer que os jovens tomem por ponto de partida os princípios cristãos, a fim de julgar sadiamente as palavras, os atos e as máximas dos pagãos; o que supõe evidentemente um grande conhecimento da religião, anteriormente adquirido. Acrescenta que a leitura dos autores profanos é soberanamente perigosa, porque prega

o sensualismo e ensina a admirar homens virtuosos somente em palavras.[8]

Mas o testemunho de são Jerônimo é mais explícito e mais grave do que todos os que acabais de ouvir. Com santo Agostinho, é talvez o Padre da Igreja que mais estudou, que melhor conheceu e mais justamente apreciou as obras pagãs, bem como a influência desastrosa que são capazes de exercer. Escrevendo ao papa são Dâmaso, ele próprio muito versado nas letras latinas, cita-lhe o texto de são Paulo: Não habiteis no templo dos ídolos, e depois exclama:

> *Não ouvis o grande Paulo, que vos diz em outros termos: Não leiais nem os filósofos, nem os oradores, nem os poetas pagãos; não repouseis no estudo das suas obras? Não nos tranquilizemos por não crermos nas coisas que lemos. É um crime beber ao mesmo tempo no cálice de Jesus Cristo e no cálice dos demônios.*[9]

Em outros termos, o paganismo e o cristianismo são incompatíveis: um é o sensualismo, o outro o espiritualismo; um prega tudo o que o outro condena: nada pode haver de comum entre Jesus Cristo e Belial.[10]

> *Quis eu mesmo fazer, diz em outro lugar, essa perigosa experiência, e eis os frutos amargos que dela colhi. Havia vários anos que deixara a casa paterna, privara-me da sociedade dos meus pais, da minha irmã e dos meus amigos; e, o que é mais difícil, renunciara ao uso de alimentos delicados; tudo isso a fim de ganhar o céu. Tendo a intenção de ir a Jerusalém para combater os combates do Senhor, não podia passar sem a biblioteca que compusera em Roma com extremo cuidado e infinito trabalho. Assim, infeliz de mim, eu me privava de tudo, jejuava para ler Cícero. Depois das frequentes vigílias das minhas noites, depois das abundantes lágrimas vertidas à lembrança das minhas faltas passadas, tomava Plauto nas mãos. Se por vezes, voltando a mim, tentava ler os Profetas, o seu estilo inculto me causava horror; e porque os meus olhos doentes não viam a luz, julgava que a culpa não era dos meus olhos, mas do sol.*

> *Enquanto eu era assim joguete da antiga serpente, fui de repente arrebatado em espírito e arrastado ao tribunal do soberano Juiz. Tal era o brilho da luz que jorrava da sua pessoa, bem como dos anjos de que estava cercado, que fiquei prostrado por terra sem ousar levantar os olhos. Interrogado sobre a minha condição, respondi que era cristão. Mentes, replicou o Juiz; és ciceroniano, e não cristão; pois «onde está o teu thesouro, ahi está tambem o teu coração*

(Mt 6, 21). Diante dessas palavras calei-me, e o Juiz mandou que me açoitassem, e os golpes que recebia eram-me menos cruéis do que os remorsos de que a minha consciência era dilacerada. Lembrei-me desta palavra do profeta: *«e no inferno quem te louvará?»* (Sl 6, 6). Contudo comecei a gritar e a dizer soluçando: Senhor, tende piedade de mim. Por fim os que cercavam o tribunal lançaram-se aos pés do Juiz e lhe pediram graça para a minha juventude e prazo para fazer penitência da minha falta, dizendo-lhe que eu me submetia ao suplício se jamais voltasse à leitura dos autores pagãos. Eu mesmo, naquele extremo, fazia promessas ainda maiores; jurei, invocando o nome de Deus, que se jamais me acontecesse conservar livros pagãos, queria ser tido por apóstata.

> *Esse juramento mal pronunciado, sou solto, volto a mim. Para grande espanto dos que me rodeavam, abro os olhos tão inundados de lágrimas que isso só bastava para provar aos incrédulos a violência da dor que eu padecera. Não foi um sono nem um vão sonho, como os que por vezes experimentamos. Tomo por testemunha esse tribunal diante do qual eu estava estendido; tomo por testemunha a temível sentença que me gelou de pavor. Assim, jamais me acontecerá expor-me a sofrer semelhante interrogatório, em que tive os ombros machucados por golpes cuja dor senti por muito tempo, e depois do qual estudei as santas Escrituras com tanto ardor quanto empregara antes em estudar as obras profanas.*[11]

O santo doutor foi fiel ao seu juramento. Não somente nunca mais lhe aconteceu ler nenhum autor pagão, mas ainda receou citar as passagens que lhe vinham naturalmente à memória. Aos que lhe diziam o que hoje se repete, que, sem o conhecimento desses autores, não se saberia falar nem escrever bem, respondia: O que admirais, eu o desprezo, e desprezo-o porque provei a loucura de Jesus Cristo, e a loucura de Jesus Cristo, sabei-o bem, é mais sábia que toda a sabedoria humana.[12]

Notas

[1] *Unusquisque poetarum, qui putantur apud eos (Ethnicos) disertissimi, calicem aureum temperavit; et in calicem aureum venena injecit.* [Cada um dos poetas, tidos entre eles (os pagãos) por eloquentíssimos, preparou uma taça de ouro e na taça de ouro lançou venenos.] *Homil.* 2, *in Hier.*

[2] *Philosophi patriarchæ hæreticorum, ecclesiæ puritatem perversa maculavere doctrina.* [Os filósofos, patriarcas dos hereges, mancharam com perversa doutrina a pureza da Igreja.] Em S. Jerônimo, *ad Ctesiphont.*

[3] *Doleo Platonem fuisse omnium hæreseon condimentarium.* [Lamento que Platão tenha sido o condimento de todas as heresias.] *De hæres.*

[4] *Homines litterati minus credunt.* [Os homens letrados creem menos.]

[5] *Non est mediocre periculum, cum habeas tanta eloquia Dei, illis prætermissis, loqui quæ sæculi sunt.* [Não é pequeno o perigo de, tendo tantos oráculos de Deus, deixá-los de lado e falar as coisas do século.] *Serm.* XXII. *In ps.* 118.

[6] *Homil.* XXI, *in epist. ad Ephes.*

[7] *Vis filium esse obedientem? Ab initio eum educa in disciplina et admonitione Domini: ne existimes esse supervacaneum, quod ipse divinas litteras audiat: nam illic hoc primum audient: Honora patrem et matrem. Itaque propter te hoc fit... multa enim in illa ætate ignorantia; ignorantiæ autem fit accessio etiam ex scriptis externorum; quando per ea didicerint eos qui sunt heroes haberi in admiratione, cum sint servi animi perturbationum et vitiorum et mortem timeant... Quomodo enim non est absurdum ad artes quidem mittere et ad ludum litterarium, et pro eo omnia facere: in disciplina autem et Dei admonitione pueros non educare? Propterea nos primi fructus percipimus, audaces, intemperantes, immorigeros, sordidos, et illiberales alentes filios. Ne hoc ergo faciamus... Educemus eos in disciplina et admonitione Domini: demus eis exemplum, ab ineunte ætate curantes eos incumbere lectioni Scripturarum.* [Queres que teu filho seja obediente? Desde o princípio educa-o na disciplina e na correção do Senhor; não penses que seja supérfluo que ele ouça as letras divinas: pois ali ouvirão primeiro isto: «Honra teu pai e tua mãe». Isso se faz, portanto, por teu bem... Pois há muita ignorância nessa idade; e à ignorância se acrescenta ainda o que vem dos escritos dos estranhos, quando por eles aprenderam a ter em admiração os que são tidos por heróis, sendo escravos das perturbações e dos vícios da alma e temendo a morte... Com efeito, como não é absurdo mandar os meninos às artes e à escola de letras e fazer tudo por isso, e não os educar na disciplina e na correção de Deus? Por isso colhemos os primeiros frutos, criando filhos audazes, intemperantes, indóceis, sórdidos e iliberais. Não façamos, pois, isso... Eduquemo-los na disciplina e na correção do Senhor: demos-lhes o exemplo, cuidando desde a primeira idade de que se apliquem à leitura das Escrituras.] *In epist. ad Eph.*, *Homil.* XXI, n. 1 e 2, *opp.*, t. XI, p. 483.

[8] *De legendis gentilium libris* [Como ler os livros dos gentios], t. I, p. 245, n. 2 e 3.

[9] *Epist. ad Damas.*, *De duobus filiis*.

[10] *Id. ad Eustoch.*, *De custodiend. virginit.*, *opp.* t. IV, ep. XVII, p. 42.

[11] *Nec vero sopor ille fuerat, aut vana somnia, quibus sæpe deludimur. Testis est tribunal illud, ante quod jacui; testis judicium triste, quod timui: ita mihi nunquam contingat in talem incidere quæstionem, liventes habuisse scapulas, plagas sensisse post somnum, et tanto dehinc studio divina legisse, quanto non ante mortalia legeram.* [Não foi aquilo um sono nem vãos sonhos, com que muitas vezes somos iludidos. Testemunha é aquele tribunal ante o qual jazi; testemunha o triste juízo que temi: oxalá nunca me suceda cair em tal interrogatório, ter os ombros lívidos, sentir as pancadas depois do sono, e ler desde então as coisas divinas com tanto estudo quanto antes não pusera nas mortais.] *Ad Eustoch.*, *De custod. virginit.*, ep. XVIII, *opp.* t. IV, p. 43. — *Si quando cogimur litterarum sæcularium recordari, et aliqua ex his dicere; non nostræ sit voluntatis, sed ut ita dicam gravissimæ necessitatis.* [Se alguma vez somos obrigados a recordar as letras seculares e a dizer algo delas, não seja por nossa vontade, mas, por assim dizer, de gravíssima necessidade.] *Prolegom. in Daniel.* e *ad Pammach.*

[12] *Id., ib.*

Revision #1
Created 22 November 2026 17:19:20 by Admin
Updated 22 November 2026 17:19:20 by Admin